

***E agora, Gisberta? E agora, você?***  
**A resposta a partir de *Indulgência Plenária*, de Alberto Pimenta<sup>1</sup>**

**Daniel Ferreira**

*Universidade do Porto*

**Resumo:** Gisberta Salce Júnior, transexual brasileira vítima de um crime de ódio em 2006, rapidamente se tornaria o rosto das lutas de igualdade de género e dos direitos humanos em Portugal. Alberto Pimenta publicava, um ano depois, *Indulgência Plenária*, obra que surpreendentemente evoca a figura de Gisberta. Este ensaio propõe a revisitação deste episódio bárbaro, por meio da controversa estética poética de Alberto Pimenta.

**Palavras-chave:** Gisberta, Alberto Pimenta, *Indulgência Plenária*, poesia portuguesa

**Abstract:** Gisberta Salce Júnior, a Brazilian transsexual victim of a hate crime in 2006, would quickly become the face for the fights on gender equality and human rights in Portugal. Alberto Pimenta published, one year later, *Indulgência Plenária*, a book that surprisingly evokes Gisberta's figure. This essay proposes a revisit of this barbaric episode, by Alberto Pimenta controversialist poetic aesthetics.

**Keywords:** Gisberta, Alberto Pimenta, *Indulgência Plenária*, portuguese poetry

*O poema  
Não é escrito com armas  
É escrito com o corpo.*

*Mas o corpo arde um pouco  
De cada vez  
Que escreve.*

Alberto Pimenta

*Eu sempre achei a humanidade o que  
de pior havia sobre a terra. Preferia, às vezes, não  
ter razão.*

Manuel de Freitas

## 1.

Há dez anos, o país acordava para a barbárie de um crime transfóbico sem precedentes em Portugal. Gisberta, vítima de sistemáticas agressões físicas e sexuais, levadas a cabo por um grupo de catorze menores, fora abandonada ainda com vida no fundo de um poço com mais de quinze metros de profundidade, no edifício em obras onde pernoitava na cidade do Porto. A autópsia indicaria afogamento como causa da morte. Transexual, imigrante ilegal, sem-abrigo, prostituta e seropositiva, Gisberta Salce Júnior, nascida em 1960 na cidade de S. Paulo no Brasil e residente em Portugal desde 1990, rapidamente tornar-se-ia o rosto das lutas de igualdade de género e dos direitos humanos, como esclarece Sérgio Vitorino, membro do coletivo Panteras Rosa (Frente de Combate à LesBiGay Transfobia):<sup>2</sup>

No começo, para a imprensa a Gis era 'o Gisberto', um trans seropositivo morto. Não havia fotos dela nas reportagens, apenas os estereótipos. Nós fizemos uma campanha, conseguimos fotos e distribuímos para os jornais e TVs. Foi assim que ela ganhou uma cara, foi humanizada e passou a ser tratada melhor com o passar dos meses. (Vitorino *apud* Filho 2016)

O seu homicídio gerou múltiplos debates sobre questões como a transfobia e a igualdade entre gêneros: “O assassinato da Gisberta estabeleceu um antes e um depois em Portugal” (*ibidem*). Se, desde logo, a sociedade passou a olhar as mulheres *trans* de outro modo, estimulou-se ainda a criação de novas leis igualitárias. Contudo, as alterações efectuadas na legislação, de modo a garantir direitos para a comunidade transgénero, mostram-se hoje, dez anos após a morte de Gisberta, insuficientes:<sup>3</sup>

Muito ficou por fazer. No caso da saúde, falta garantir os cuidados necessários. A educação sexual continua a ser uma miragem nas escolas e muita gente nem sequer sabe o que é exactamente a transexualidade. E é preciso acabar com a ideia, a que a lei ainda não conseguiu escapar, de que para verem reconhecida a sua identidade as pessoas trans devem ser diagnosticadas como padecendo de uma doença mental. Não, as pessoas trans não são doentes. São cidadãs, tão cidadãs como cada uma ou cada um de nós. (Mortágua 2016)

## 2.

*Indulgência Plenária* (2007), obra da autoria de Alberto Pimenta, surge, antes de mais, como símbolo de resistência ao silêncio que rapidamente envolveria o nome de Gisberta Salce. Inclusive, a ideia de inexistência na obra de Alberto Pimenta, como atenta Padua Fernandes, trata-se de uma “estratégia poética de disseminação” (Fernandes 2015: 11) do discurso do autor, o que pode ser entendido como uma “resposta ao silêncio” (*ibidem*) da academia e dos meios editoriais relativamente ao poeta.

Ou seja, estamos perante uma estratégia poética da inexistência que se divide entre “o combate aos discursos dos poderes instituídos” e “a recusa às poéticas conformistas” (*ibidem*). E, deste modo, *Indulgência Plenária* marca precisamente um momento de viragem na obra de Alberto Pimenta: “da estratégia da inexistência passa-se à figura do escritor público, com sua persona poética que também deseja intervir na esfera pública para lograr determinados efeitos” (*idem*, 14). Senão, vejamos:

Não foi ter a ideia e começar a escrevê-la logo e depois naturalmente, como é costume, corrigir. Não,

não foi. Foi ter a ideia e ter uma ideia compulsiva, forte. Eu tenho que fazer aquilo que sei fazer. Eu não sei empunhar armas, eu não sei fazer outras coisas. Eu tenho que empunhar a minha palavra. Não pode ser de outra maneira. (Pimenta 2015)

Esta mesma ideia controversa de poema-armá, viria mesmo a ser convenientemente problematizada pelo poeta e crítico Manuel de Freitas:

Este poeta – pois chamar-lhe “sujeito” ou “narrador” seria pouco adequado – revê-se e interroga-se no destino de Gisberta, não tem pejo em valorizar ou reivindicar um gosto pela liberdade de ficar à margem do lixo dominante (...). Sabemos todos muito bem que não é suposto a poesia descer tão baixo e escolher como musa, confidente ou alter-ego efêmera “Princesa” dos “bas-fonds” portuenses. Pois é. Mas está longe de ser um dos méritos menores de Alberto Pimenta a elevação – e a grandeza humana, porque não dizê-lo? – com que aborda um caso ignominioso que veio sublinhar a inépcia e a desvergonha dos tribunais portugueses, enquanto espelhos baixos do insanável estado da nação (...). (Freitas 2007)

Primeiro, atente-se no modo como Manuel de Freitas descreve a obra de Alberto Pimenta designando-a como desejo de valorização e reivindicação da liberdade, sem quaisquer receios quanto a colocar-se “à margem do lixo dominante”. Segundo, como o crítico ironicamente considera não ser suposto “a poesia descer tão baixo” e que, como mostra Rosa Maria Martelo, trata-se, não por mero acaso, do eco de versos de Mário Cesariny: “(Que se saiba) é esta a primeira vez/ que um poeta escreve tão baixo (no nível das priscas dos/ outros)” (Vasconcelos *apud* Martelo 2008: 293). Adiante, Manuel de Freitas viria mesmo a sintetizar o posicionamento contestatário da obra do autor: “É por estas e por outras que Alberto Pimenta (felizmente) não será galardoado com o Prémio Camões” (Freitas 2007).

### 3.

Mas leia-se o poema. A abrir, deparamo-nos com o uso de um recurso raro em Alberto Pimenta, o encontro do poeta com o outro:

Conheci-te no mictório  
do aeroporto de Schiphol  
águas mais praticadas  
que as do Paraíso de Dante  
Lá dentro estava só eu  
de carcela aberta  
e o urinol diante de mim

entraste subitamente  
não sei se olhaste e me viste  
Subitamente estavas ali  
tu e os teus bandós louros  
debruçada sobre outro urinol  
Olhaste e disseste bem alto  
Mosca e Haiku  
E saíste  
antes de entrar mais ninguém. (Pimenta 2007: 7)

De imediato, o poeta remete-nos para um encontro numa casa de banho masculina do aeroporto de Schiphol, em Amesterdão, o que num primeiro momento pode provocar alguma estranheza. Porém, se observarmos a fotografia que curiosamente antecede a abertura do poema, essa mesma impressão tende a diluir-se. Nela vemos um mictório e abaixo um detalhe do mesmo, onde se destaca uma mosca aparentemente morta e a sequência de pequenos orifícios em três segmentos por onde deve escoar a urina.



Leia-se os versos “Olhaste e disseste bem alto/ Mosca e Haiku” (*ibidem*) e podemos, com alguma certeza, concluir que Alberto Pimenta não faz preceder a fotografia ao poema por mero acaso, tratando-se, porventura, do registo fotográfico que testemunha uma experiência estética por este vivenciada. Deste modo, as sequências de pequenos orifícios alinhados ao centro do urinol parecem então revelar o seu significado: trata-se de um haiku – forma poética japonesa composta por três versos de cinco, sete e cinco sílabas cada.

De seguida, o poeta inicia a busca pelo outro: “Saí a correr/ mas já não vi ninguém”, mas “depois duma volta inteira ou mais/ àquele labirinto ou recinto” cruzam-se e pergunta: “Mas/ que Mosca e que Haiku”? O outro explica ao poeta que a mosca serve “para atrair sobre ela o jacto da mijada/ e assim evitar salpicos para fora” (Pimenta 2007: 8-9) e que, por sua vez, o haiku são “os buraquinhos abaixo da mosca/ negros e redondinhos” dispostos em “três fileiras deles/ cinco sete cinco” formando o “perfeito haiku”.

Este episódio, aparentemente insignificante, muito nos elucida a propósito do trabalho poético levado a cabo por Alberto Pimenta desde a sua estreia na década de 70.<sup>4</sup> O poeta, num registo claramente crítico, tende a subverter o socialmente imposto, como, neste caso, o espaço da casa de banho. Neste sentido, na primeira parte do poema, lê-se a alusão à bárbara morte de Gisberta:

Um dia seria inevitável  
seres Tu<sup>5</sup> a vítima afogada  
nessa emotiva troca de silêncios e falas  
que só falavam nas formas  
que emprestavas à carne

Tu foste um dos  
conhecidos Hologramas perfeitos  
da história

serás Sempre um testemunho  
convincente  
para colocar à vista  
monumento aos tempos presentes  
Esmalte  
na derradeira cultura dessa cidade

A ela inquietos como cães hão-de peregrinar  
penso que também os calvos negros e ofegantes  
promotores dos teus carrascos  
bem como teus acompanhantes até ao fim (Pimenta 2007: 17)

Deste segmento, note-se como o poeta transporta a figura de Gisberta para a esfera da História martirizando-a. Contudo, apenas na segunda parte do poema surge pela primeira vez o seu nome: “A tua vida/ foi o teu pecado/ Giberta” (*idem*, 24) e, uma vez mais, numa descrição poetizada do dia-a-dia suburbano da vítima: “Sim às vezes era longo (...)/ Outras vezes feito ao chicote da chuva/ a molhar o pescoço e as pernas/ com o fim sempre escorregadio/ em cima de saltos altos/ e baixos saltos/ e saltos de toda a espécie/ não é verdade/ Gisberta” (*idem*, 25-26).

Na terceira parte, lêem-se o nome e o sobrenome de Gisberta: “Tanto esforço perdido Gisberta Salce/ até para os que te mataram/ que nem conseguiram tirar o proveito monumental/ que procuravam/ Servir-se de ti para perder o medo/ sentir-se Pessoas

livres/ como tu” (*idem*, 31). Posteriormente, deparamos com a acusação por parte do poeta aos jovens criminosos, a maioria membros de uma instituição católica:

Umas Novidades esguias outras obesas  
extremistas portanto  
que queriam como sempre  
experimentar

era digamos uma espécie de vanguarda  
que até te dizia  
vai apanhar no cu na tua terra

Onde lhes tinham ensinado  
que cada um  
deve apanhar no cu na sua terra  
não posso garantir  
mas  
talvez também numa dessas  
Pias casas<sup>6</sup>  
com ou sem recolhimento  
obrigado. (*idem*: 33)

Nestes versos, Alberto Pimenta mostra de forma nua e crua a realidade de uma juventude marginal e marginalizada. Recordemos que os criminosos, menores de idade, seriam apenas condenados a internamento num centro educativo em regime semi-aberto pelo período de treze meses e que apenas alguns anos depois o processo seria reaberto e feita justiça.

Seguidamente, na quarta parte, o poema retoma precisamente o motivo do crime e refere a indulgência plenária, a remissão total dos pecados perante Deus:

Foi inútil porque todos sabemos  
Foi o teu orgulho  
o teu desprezo



que desesperou os esguios e os obesos  
Sentiram-se meros instrumentos condenados  
à Insignificância do seu tempo Mental  
e às suas cruzes e caveiras vivas  
isto é ao seu ambiente  
que lhes prometia quem sabe indulgência plenária  
por estipêndio do pecado. (*idem*: 38)

Num registo claramente sarcástico, Alberto Pimenta revela, desde logo, mediante a escolha do título da obra, uma ideia de justiça proveniente da religiosidade ocidental e contrapõe, deste modo, a justiça religiosa (metafísica) à justiça social (concreta) que se mostra impotente neste caso.

Por fim, na quinta parte do poema, importa referir o modo como o poeta invoca pela última vez o nome de “Gisberta Salce” a par de “Salgueiro Salix” (*idem*, 54) anunciando, desde modo, o excerto de *Otelo* de Shakespeare que encerra a obra. Trata-se da “Canção do Salgueiro” que Desdémona canta para afastar a morte: “The poor soul sat sighing by a sycamore tree/ Sing all a green willow/ Her hand or her bosom, her head on her knee,/ Sing willow, willow, willow” (*idem*, 55). Canção esta que se traduziria no percurso de Gisberta, que após a sua fuga do Brasil devido a uma vaga de crimes contra transexuais na cidade de S. Paulo, acabaria vítima do mesmo preconceito.

#### 4.

Verifica-se, pois, na base de *Indulgência Plenária* uma grande consciência crítica que se reflete no uso criativo da linguagem por parte de Alberto Pimenta. Neste autor, como escreve Rosa Maria Martelo, “a sabotagem dos discursos dominantes é uma estratégia fundamental, já não tanto em função de um hermetismo que torne a poesia resistente em si mesma mas pelo desvio, pela libertação crítica”. Trata-se, portanto, de tomar uma posição ativa e de intervenção, como Alberto Pimenta já havia manifestado, em finais dos anos 70, no ensaio *O Silêncio dos Poetas*:

(...) talvez se possa considerar que as produções de arte literária que maior interesse despertam, e por isso foram tidas como modelo, tiveram na sua base uma lata consciência entrelaçadamente subjetiva e objetiva da existência e, por isso mesmo, tiveram a capacidade de se desdobrar segundo várias perspectivas, num processo mais dialético que lógico, no qual a verdade e a certeza aparecem sempre como dados relativos ao conhecimento. Não que se tratasse de ceder ao compromisso ou de tomar, em grosseiro e primitivo imediatismo, o partido do mais fraco, mas sim de aventurar-se, de “expor-se ao incompatível”, vencendo, primeiro pela criação, depois pela destruição e sempre pela transformação da palavra, a opressão de todas as espécies, sobretudo a da mediocridade. *Talvez se possa julgar essa a função arquetípica da arte (literária): criar perspectivas novas, pondo em questão o dogmatismo da perspectiva oficial: metafísica, política, pragmática.* (Pimenta 2003: 53-54; *itálicos meus*)

Em síntese, a recusa em comunicar de acordo com os discursos socialmente codificados e hierarquizados é o que possibilita a Alberto Pimenta, diante do crime bárbaro que vitimiza Gisberta Salce, manifestar-se por meio da criação poética. Ao recusar binarismos sociais (como homem/ mulher, masculino/ feminino, entre outros) enquanto imposições fascistas da língua, Alberto Pimenta pôde transitar entre margens.

Neste sentido, em *Frames of War: When is Life Grievable?*, Judith Butler questiona o que é que determina uma vida e, desse modo, problematiza o porquê de algumas vidas serem dignas de proteção enquanto outras o não são. Assim, Butler sugere que a escolha não diz respeito apenas ao indivíduo, mas também ao coletivo, visto ser o resultado de práticas sociais. Porém, mediante as práticas definidas pelo coletivo, são as práticas sociais levadas a cabo por cada indivíduo que definem quais são as vidas dignas de serem pranteadas. Isto é, as outras vidas, as que se encontram à margem do coletivo, são geralmente as mortes que não importam chorar, as vidas precárias.

Ainda, no ensaio precisamente intitulado “Vidas precárias”, partindo do conceito de rosto de Emmanuel Levinas, Judith Butler equacionaria a amplitude do processo de desumanização levado a cabo pelos *media*, a que vagamente se fez alusão no início deste estudo:

O processo de esvaziamento do humano feito pela mídia por meio da imagem deve ser entendido, no

entanto, nos termos do problema mais amplo de que esquemas normativos de inteligibilidade estabelecem aquilo que será e não será humano, o que será uma vida habitável, o que será uma morte passível de ser lamentada. Esses esquemas normativos operam não apenas produzindo ideias do humano que fazem diferença entre aqueles que são mais e os que são menos humanos. Às vezes *eles produzem imagens do menos que humano, à guisa do humano, a fim de mostrar como o menos humano se disfarça e ameaça enganar aqueles de nós que poderiam pensar que conseguem reconhecer outro humano ali, naquele rosto*. (Butler 2011: 28-29; itálicos meus)

Aliás, seria o próprio Alberto Pimenta, em *A Magia Tira os Pecados do Mundo* a dizer: “Esta minha literatura inclusa nas curas é a grande literatura: as personagens não fingem que se amam, ou se odeiam. A única ambição da sua alma é pôr termo às aflições da sua vida” (Pimenta 1995: 237). Esta é a história de Gisberta e das suas aflições, e “não fosse um livro como este, com o seu raro poder de corrosão e de denúncia”, escreve Manuel de Freitas, “e Gisberta Salce esperaria a sua segunda e definitiva morte – o esquecimento – tão indefesa quanto esteve perante o horror da primeira”.

## 5.

“Este ano já foram assassinadas cerca de 300 pessoas transexuais em todo o Mundo, vítimas de crimes de ódio. Quantas mais Gisbertas precisam de morrer?” perguntou recentemente Mariana Mortágua. Nenhuma, espero.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste ensaio foi realizada no âmbito do seminário de Estudos Feministas e Teoria Queer, então a cargo da Doutora Marinela Freitas, a quem agradeço a orientação deste estudo. O ensaio deve, em parte, o seu título ao poema “José” de Carlos Drummond de Andrade: “E agora, José?/ A festa acabou,/ a luz apagou,/ o povo sumiu,/ a noite esfriou,/ e agora, José?/ e agora, você?”. Onde se lê *José* deve ler-se *Gisberta*.

<sup>2</sup> <[www.panterasrosa.blogspot.pt](http://www.panterasrosa.blogspot.pt)>.

<sup>3</sup> Sintomaticamente, este assunto encontra-se tratado no artigo “Direitos das pessoas *trans*: 10 anos depois da morte de Gisberta Salce Júnior, o que foi feito e o que falta fazer?” pela ILGA (Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero): <[www.ilga-portugal.pt/noticias/Noticias/10\\_anos\\_direitos\\_trans.pdf](http://www.ilga-portugal.pt/noticias/Noticias/10_anos_direitos_trans.pdf)>.

<sup>4</sup> Alberto Pimenta estreia-se em 1970 com a publicação de *Labirintodonte*.

<sup>5</sup> Vista a ausência de pontuação, as palavras destacadas por maiúscula, segundo atesta Alberto Pimenta, servem para marcar pausas de leitura no poema.

<sup>6</sup> Referência ao Processo Casa Pia vindo a público no ano 2002, após a denúncia de prática de abusos sexuais na instituição em causa.

## Bibliografia

Butler, Judith (2010), *Frames of War: When is life grievable?*, Brooklyn, Verso [1956].

-- (2011), *Vida Precária*, trad. Ângelo Marcelo Vasco, revisão Richard Miskolci, *Contemporânea*, n.º 1, 13-33.

Fernandes, Padua (2015), “Resistência clandestina: Alberto Pimenta e a justiça poética” in Alberto Pimenta, *Marthiya de Abdel Hamid segundo Alberto Pimenta/ Indulgência Plenária*, Brasil, Edições Chão da Feira.

Filho, Mamede (2016), “A brasileira que virou símbolo LGBT e cujo assassinato levou a novas leis em Portugal”, <[www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160218\\_brasileira\\_lgbt\\_portugal\\_mf](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160218_brasileira_lgbt_portugal_mf)> (último acesso em 1/11/2016).

Freitas, Manuel de (2007), “Casta morte” [recensão a *Indulgência Plenária*, de Alberto Pimenta], *Expresso, Actual*, 2007-06-16.

Martelo, Rosa Maria (2008), “Alegoria e autenticidade (a propósito de alguma poesia portuguesa recente)” in Celia Pedrosa e Ilda Alves (orgs.), *Subjetividades em Devir. Estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea*, Rio de Janeiro, 7letras, 291-303.

-- (2013), “Tensões e implicações entre poesia e resistência na contemporaneidade portuguesa”, *eLyra*, n.º 2, <[www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/25](http://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/25)> (último acesso em 1/11/2016).

Mortágua, Mariana (2016) “Gisberta” <[www.esquerda.net/dossier/gisberta/41505](http://www.esquerda.net/dossier/gisberta/41505)> (último acesso em 1/11/2016).

Pimenta, Alberto (1995), *A Magia que Tira os Pecados do Mundo*, Lisboa, Cotovia.

-- (2003), *O silêncio dos Poetas*, Lisboa, Cotovia.

-- (2007), *Indulgência Plenária*, &etc.

-- (2015), “Marthiya de Abdel Hamid segundo Alberto Pimenta / Indulgência Plenária”, <<http://chaodafeira.com/livros/albertopimenta/>> (último acesso em 1/11/2016).

**Daniel Ferreira** é licenciado em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Desenvolve na mesma instituição, no âmbito do mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes (ramo de Estudos Comparatistas e Relações Interculturais), uma investigação sobre poesia portuguesa contemporânea. As suas áreas de interesse são os Estudos Interartes, os Estudos Feministas e a Teoria *Queer*.